

Centro Cultural Português em Bissau  
(Con)Figurações – um ciclo de exposições virtuais

**BIDAMATCHA NHASSE**



Fotografia: Rui Cambraia

**Bidamatcha Nhasse**

Bissau, 23 de abril de 1997

- 12º ano na Escola do Ensino Básico Unificado de Quelelé.
- Frequentou a 1ª e 3ª edição dos cursos de formação artística do projeto “Promoção da Economia Criativa” da ADPP-GB, 2017-2020.

*Exposições Coletivas*

- 2018 • “Cacheu Caminho de Escravos”, coletiva de Artes-Plásticas no âmbito dos cursos de formação artística do projeto “Promoção da Economia Criativa” da ADPP-GB.
- 2019 • “Jovens Talentos Guineenses”, coletiva de pintura, Apelarte / Restaurante Coqueiros Bissau.
- “Dia Internacional dos Direitos Humanos”, coletiva de Artes-Plásticas, Centro Cultural Português em Bissau.

*Exposições individuais*

- 2019 • “Quinzena dos Direitos”, Centros Culturais de Quelelé e Enterramento.
- 2020 • “Exposição de Pintura”, Centro Cultural Português em Bissau.
- (Con)Figurações I – um ciclo de exposições virtuais, Centro Cultural Português em Bissau *online*.

“A ideia de uma pintura universal, de uma totalização da pintura, de uma pintura inteiramente realizada, é desprovida de sentido. Mesmo daqui a milhões de anos, o mundo, para os pintores, se os houver, ainda estará por pintar, ele findará sem ter sido acabado.”

Maurice Merleau-Ponty in *O olho e o espírito*

Bidamatcha Nhasse é no atual panorama das artes-plásticas bissau-guineenses o pintor que mais arrisca simultaneamente – com todo o sentido que a sua juventude legítima e catapulta – várias linguagens pictóricas. Não é inocente essa diversidade expressiva que Nhasse aponta a diferentes públicos e projetos culturais. É corajoso, desafiante, irreverente e empreendedor. E também é divertido – tudo sintomas de uma especial convergência de várias inteligências para a expressividade. Mas enquanto Nhasse luta pela sobrevivência (improvável) atuando no espaço público como pintor-malabarista, é no seio da sua privacidade – no laboratório alquímico onde só ele e a solidão coabitam –, que Nhasse transforma as impossibilidades do mundo em imagens, em pura visibilidade, qualidade que só pintores-alquimistas possuem.

Desde a sua exposição anterior, em fevereiro de 2020 no Centro

Cultural Português em Bissau, são recorrentes comentários críticos à força das suas obras – não ao virtuosismo técnico, nem à capacidade (absolutamente estéril) para imitar o real, ou a partir dele criar símbolos mais ou menos significantes: é uma força, aquilo que impressiona a generalidade do público que contempla o trabalho de Nhasse. Essa força, sabem os poetas das letras, das tintas, do corpo, e do ar vibrante, não se aprende na escola. Ou melhor, não se aprende. É-se.

Irresistível para muitos criadores é a elaboração de uma teoria para o método, ou princípios subjacentes aos processos “alquímicos” que ocorrem no interior dos seus *ateliers*. Joaquim Rodrigo (1912-1997), um dos maiores pintores portugueses do séc. XX, convenceu-se que tinha encontrado o segredo da pintura certa. Mais: que uma vez entendida a sua exposição teórica sobre o tema, qualquer pessoa poderia transformar-se num pintor – embora não se saiba ao certo se isso incluía igualmente a transformação em Artista.

Bidamatcha Nhasse tem as suas próprias teorias para justificar linhas de trabalho substancialmente diferentes: o Pincelamento Genial e o Julgamento das Tintas. A primeira revela essencialmente que os sentimentos estão implicados no processo técnico, e a segunda revela essencialmente que o objetivo do processo técnico é gerar sentimentos. Nesse sentido, não é tanto a diferença formal entre linhas de trabalho que ali são explicadas, mas antes as grandes questões da Expressão e da Composição (tal como em Joaquim Rodrigo), problemas complexos que (em ambos os autores) podem ser resolvidos de modo simples. Como se resolve uma tela, uma linha melódica, um movimento, uma frase, parágrafo, capítulo, ou uma obra inteira? Como se resolve uma vida?

Bissau, outubro de 2020  
Rui Cambraia